



Dilemas na Preservação da Arquitetura Moderna

O Edifício da Faculdade de Arquitetura da USP

Maria Lucia Bressan Pinheiro (mlbp@usp.br)

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – USP

Resumo

O edifício da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, projetado pelos arquitetos João Batista Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi em 1961, é emblemático de um momento específico da arquitetura paulista, caracterizado pelas grandes dimensões e pelo uso do concreto armado em sua plenitude plástica e estrutural.

Sua proposta pedagógica, baseada nas diretrizes emanadas da Bauhaus, logo assumiu um caráter de oposição ao governo ditatorial instalado a partir de 1964, objetivando o restabelecimento da democracia e do respeito aos direitos humanos, o que se exprime claramente na arquitetura do edifício.

Porém, a proposta de ensino implantada então, e sua contrapartida espacial, revelaram-se menos flexíveis do que se supunha, fazendo-se necessárias reformas e adequações.

A obra também sofreu as injunções típicas dos projetos públicos, como verbas insuficientes, diluição das responsabilidades de acompanhamento e fiscalização, falta de manutenção, etc. Nestas condições, o uso extensivo do concreto aparente tem se mostrado problemático.

Por outro lado, o caráter simbólico e a qualidade plástico-formal da edificação receberam reconhecimento público, através de seu tombamento pelo CONDEPHAAT, em 1982.

Pretende-se apresentar as adequações, transformações e consertos realizados na FAUUSP como contribuição para o debate atual sobre a preservação da arquitetura moderna.

Palavras-chave: arquitetura moderna; preservação; conservação dos materiais; arquitetura brasileira; concreto aparente.

Abstract

The building of the School of Architecture of the Universidade de São Paulo (FAUUSP), designed in 1961 by architects João Batista Vilanova Artigas and Carlos Cascaldi, is emblematic of a specific moment of Brazilian architecture, featuring huge dimensions and the structural and plastic use of reinforced concrete.

Its pedagogic program - clearly expressed in the building's spatial concept -, based on Bauhaus teaching methods, soon assumed a character of opposition to the dictatorship government installed in 1964, aiming at the re-establishment of democracy and of civil rights.

However, the pedagogic proposal - and its architectural counterpart - proved to be less permanent than expected; alterations and adaptations soon became necessary.

The building also suffered the hardships which are typical of public institutions, such as insufficient money resources, lack of clearly stated responsibilities relating to the construction work, lack of proper maintenance, etc. Under such conditions, the extensive use of exposed concrete has shown a wide range of problems.

On the other hand, the building's symbolic values as well as formal and spatial qualities were publicly recognized as worthy of preservation, through its designation as a State monument in 1982.

A short account of FAUUSP's successive alterations and repairs will be presented, as a contribution to the debate about the preservation of modern architecture.

Key words: modern architecture; preservation; material conservation; Brazilian architecture; exposed concrete.

Em princípio, a preservação da arquitetura moderna parece relativamente fácil, em comparação com intervenções em exemplares da arquitetura tradicional. Ela está suficientemente próxima no tempo para possibilitar que seus autores estejam ainda vivos - ou ao menos seus colaboradores mais jovens. Mas, se este não for o caso, os projetos modernos costumam dispor de documentação bastante completa, em termos de peças gráficas, fotografias, etc. até porque foram realizados em um momento no qual essa documentação era exigida por lei. Finalmente, os materiais utilizados são todos industriais, não havendo, portanto, o risco de trabalhar com técnicas tradicionais cujos detalhes de manufatura e execução perderam-se nos tempos.

Essa proximidade da arquitetura moderna em relação às gerações atuais - não apenas temporal, mas freqüentemente também de natureza afetiva, uma vez que se trata de uma relação mestre-discípulo, particularmente no caso brasileiro - traz consigo a idéia de que não há necessidade de uma abordagem restaurativa para tais obras; que, estando plenamente inseridas na sociedade contemporânea, sua preservação é por assim dizer automática, prescindindo de intervenções de cunho preservacionista, sejam elas de caráter conservativo ou de restauração.

Isto é, ao menos, o que se pode depreender das iniciativas dos arquitetos contemporâneos frente à preservação das obras modernas. Tais iniciativas costumam oscilar entre dois extremos: ora são pautadas por uma atitude a-crítica de retorno às suas características originais (*ripristino*)¹, em que ocorre uma espécie de "sacralização" dos bens culturais, numa visão errônea do significado da preservação; ora configuram-se bastante permissivas, realizando reformas e substituindo materiais sem qualquer respeito pelo edifício em questão.

Entretanto, uma reflexão mais demorada sobre o assunto levanta inúmeras questões.

De início, chama-se a atenção para a contradição óbvia entre a ideologia da arquitetura moderna e sua preservação. Marinetti disse que *uma obra-prima deve ser queimada junto com o cadáver de seu autor*, e Sant'Elia afirmou:

Nossas casas durarão menos tempo do que nós, e cada geração terá de fazer a sua própria. (BANHAM, 1975, p. 183 e p. 209)

Mas, mesmo que nos apoiemos em arquitetos menos radicais do que os futuristas, encontraremos inúmeras afirmações que expõem esta contradição. Le Corbusier (1974, p. 268) denuncia a *sufocante acumulação de detritos seculares*, e sua Carta de Atenas admite com relutância a preservação do patrimônio (certamente pela recente promulgação da outra Carta de Atenas, de 1931). O manifesto **Acerca da Arquitetura Moderna**, de Gregori Warchavchik, se inicia chamando a atenção para a obsolescência e o ridículo dos objetos de épocas passadas.

Por outro lado, as facilidades aparentes da preservação da arquitetura moderna em relação à de obras de outros períodos da história acabam escondendo grandes dificuldades, algumas conceituais, outras materiais.

A presença dos próprios autores das obras como autoridades capazes de dirimir quaisquer dúvidas suscitadas pela intervenção preservacionista acaba, muitas vezes, por criar novas dúvidas. Grandes ícones da arquitetura moderna podem ser contrários à preservação de suas obras, seja por ideologia (como apontado acima), seja por motivos pessoais - como a preferência por determinadas fases de sua carreira em detrimento de outras, por exemplo. O arquiteto Oscar Niemeyer, o grande mestre da arquitetura moderna brasileira, tem dado exemplos das atitudes diversas que um mesmo profissional pode ter em relação à sua obra, em episódios como os da Fábrica Duchesne, da Strick House - seu único projeto nos EUA -, e, mais recentemente, do parque Ibirapuera².

A crença na infalibilidade da documentação pertinente - que, no caso brasileiro, restringe-se geralmente à chamada "planta de prefeitura", sendo relativamente rara a existência, ou localização, do projeto executivo das obras modernas pioneiras - pode gerar surpresas. Todos sabemos que o andamento das obras pode determinar mudanças na concepção original do projeto, seja por problemas de custo, de cronograma ou outras dificuldades inesperadas na realização das soluções propostas. Muito freqüentemente, não há qualquer registro de tais mudanças, de forma que eventuais projetos de restauro acabam sendo elaborados pressupondo determinadas soluções arquitetônicas não realizadas - o que só é constatado no momento em que a obra está em andamento, ocasionando mudanças e improvisações. Uma situação não muito diversa, portanto, do que costuma ocorrer em intervenções em bens arquitetônicos tradicionais - só que, nestes casos, trabalha-se desde o início com o dado do desconhecido. Imaginemos a nossa surpresa ao realizar um projeto para o conjunto de casas econômicas da Gamboa, projeto de Lúcio Costa e Warchavchik, supondo uma laje plana de cobertura e encontrando na verdade um forro de couçoeiras recobertas de revestimento asfáltico³.

A utilização de materiais industriais, por outro lado, não raro traz dificuldades incontornáveis, pois exige a reconstituição de todo o aparato industrial desenvolvido para a fabricação de um determinado material ou técnica de construção - o que é bem mais complicado do que tratar com processos manuais, onde boa parte da questão se resume à localização de artesãos talentosos e qualificados. A esse respeito, basta pensar, por exemplo, nas dificuldades de substituição da ampla gama de revestimentos cerâmicos disponíveis nas décadas de 1940 e 1950, que deixaram de ser produzidos há décadas.

Procuraremos examinar estas questões gerais à luz de um caso particular: o do edifício que abriga a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, projetado pelos arquitetos João Batista Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi em 1961. Trata-se de uma obra emblemática de um momento específico da arquitetura paulista, caracterizado pelas grandes dimensões, pelo uso do concreto armado em sua plenitude plástica e estrutural, e por uma postura ideológica clara.



Figura 1: O símbolo da FAUUSP, na empena da fachada principal.

O edifício é assim sumarizado no pequeno e magistral texto escrito por Vilanova Artigas (1997, p. 101, grifos nossos):

*O prédio da FAU, como proposta arquitetônica, defende a tese da **continuidade espacial**. Seus seis pavimentos são ligados por rampas suaves e amplas, em desníveis que procuram dar a sensação de um só plano. Há uma interligação física contínua em todo o prédio. O espaço é aberto e as divisões e os andares praticamente não o seccionam, mas, simplesmente, lhe dão mais função.*

*É uma escola de **acabamento simples, modesto** como convém a uma escola de arquitetos, que é também um laboratório de ensaios. A sensação de generosidade espacial que sua estrutura permite, aumenta o grau de **convivência, de encontros, de comunicação**. Quem der um grito, dentro do prédio, sentirá a responsabilidade de haver interferido em todo o ambiente. Aí, o indivíduo se instrui, se urbaniza, ganha espírito de equipe.*

*O concreto utilizado não é só uma **solução mais econômica**, como corresponde à necessidade de se encontrar meios de expressão artística, lançando mão da estrutura do edifício, sua parte mais digna. A estrutura, para o arquiteto, não deve desempenhar o papel humilde de esqueleto, mas exprimir a graça com que os novos materiais permitem dominar as formas cósmicas, com a elegância de vãos maiores, de formas leves.*

*Este prédio acrisola os **santos ideais** de então: pensei-o como a espacialização da democracia, em espaços dignos, sem portas de entrada, porque o queria como um **templo**, onde todas as atividades são lícitas.*

Em tão poucas palavras, estão aí presentes as intenções de projeto e as principais características físicas do edifício, que, ao mesmo tempo que consubstanciam suas principais qualidades, vem se revelando como fonte inesgotável de problemas de conservação e restauro.

Inicialmente, cabe observar que o edifício da FAUUSP, tanto por sua função, monumentalidade e concretude, quanto pela maneira como é referido por seu autor, não se afigura como transitório. Com efeito, falar em “ideais” significa falar em princípios imutáveis, permanentes, assim como as palavras “santidade” e “templo”. Já se coloca de manifesto, assim, a existência de posturas diversas sobre transitoriedade e imanência no âmbito do pensamento modernista - algo, de resto, bastante conhecido.

Por outro lado, está inequivocamente presente no prédio da FAU uma outra noção fundante da arquitetura moderna: *A forma segue a função*. Com efeito, costuma-se dizer que a obra configura-se como a concretização da nova proposta de ensino de arquitetura a ser implantada então, amparada nas diretrizes pedagógicas emanadas da Bauhaus e visando a superação do modelo inspirado na *École des Beaux-Arts* de Paris. Calcada na vinculação entre teoria e prática e na vivência integral de alunos e professores no próprio ambiente da escola, tal proposta demandava características físicas específicas, indissociáveis da solução de projeto. Decorre daí a generosidade dos espaços destinados aos estúdios, que ocupam mais da metade da área destinada às atividades didáticas: previa-se a realização de todas as tarefas escolares - notadamente as de projeto - nesses espaços, com acompanhamento contínuo dos professores, em um clima de convívio intenso que propiciaria o debate e a fermentação de idéias.

Dado o regime político instalado a partir do movimento militar de 1964, a proposta pedagógica revestia-se também de forte viés de oposição ao governo ditatorial do período, objetivando o restabelecimento da democracia e do respeito aos direitos humanos, o que se exprime claramente na arquitetura do edifício, com seu grande salão para realização de assembleias - uma verdadeira praça - e a coletivização geral dos espaços: a *continuidade espacial* a que se refere Artigas.



Figura 2: A continuidade espacial característica da FAUUSP. Em primeiro plano, parte da estrutura de cobertura já recuperada.

Ora, a perene transformação da sociedade, tão saudada pelos modernistas, vem demonstrando a pouca flexibilidade dos edifícios modernos baseados na estreita correlação forma/função. No caso da FAUUSP, várias reformas e adequações foram se tornando necessárias ao longo do tempo, alterando - às vezes drasticamente - a concepção inicial do projeto.

Quanto à proposta de ensino propugnada por Artigas, a principal mudança verificada diz respeito à irreversível informatização de muitas das atividades ligadas às atribuições do arquiteto: o exercício do projetar é hoje basicamente uma atividade a ser realizada em um computador, algo que praticamente inviabiliza a desejada utilização intensiva dos estúdios.

De fato, não há instalações elétricas disponíveis para um número tão elevado de computadores (mesmo que a universidade dispusesse de recursos suficientes para adquiri-los - o que já é um outro problema); porém, a própria continuidade espacial característica do prédio, configurada na ausência de portas e de paredes divisórias completas, impossibilita a permanência destes aparelhos no local, por problemas de segurança.

Esta utilização intensiva dos estúdios, aliás, nunca foi plenamente conseguida, seja pela dispersão inevitável num espaço aberto de grandes dimensões, seja pelo desconforto térmico imperante, seja por fatores alheios ao edifício em si, como a localização da própria cidade universitária e os meios de transporte ineficientes, que obrigam os alunos a deixar o prédio dentro de determinados horários para não amargar horas e horas nos pontos ou dentro dos ônibus.



Figura 3: Os estúdios da FAUUSP

Mas os estúdios são parte indissociável do edifício e seu programa, a proposta de ensino. Como alterá-los, como subdividi-los e fechá-los, sem descaracterizar irremediavelmente o prédio?

Por outro lado, as salas destinadas às aulas teóricas também apresentam problemas. Os mais recentes são igualmente causados pela crescente informatização dos processos de transmissão do conhecimento, com utilização de equipamentos tipo data-show, etc. Mas é bem verdade que, desde quando o edifício foi concebido, já era usual a utilização de projeção de imagens nas aulas teóricas. Porém, a solução arquitetônica da cobertura - a bela "grelha" de vigas de concreto e domos translúcidos - não previa nenhum dispositivo para escurecimento das salas, o que acarretou soluções improvisadas como a pintura de alguns domos com tinta preta, para que perdessem sua transparência. Evidentemente, a pintura interferiu no próprio material de que são feitos os domos, que, absorvendo mais calor, ressecaram-se com o tempo. Porém, este expediente resolveu o problema por quase duas décadas. Foram tentadas outras soluções, como, por exemplo, a instalação sobre uma das salas do edifício de uma cobertura de lâminas metálicas móveis - equipamento disponível no mercado para aproveitamento de áreas externas, de linguagem totalmente incompatível com a grelha de cobertura da FAUUSP.

A crescente especialização do conhecimento, que é uma característica da sociedade moderna, também implica na necessidade de espaços para grupos menores, o que implica na redução das áreas de vivência

coletiva. A FAUUSP segue estritamente a noção moderna da planta livre, de forma que a alteração do tamanho das salas de aula é razoavelmente simples: uma questão de mudança de divisórias. Entretanto, a multiplicação de laboratórios e núcleos de pesquisa institucionais, que é um avanço no sistema público de produção de conhecimento, tem demandado mais e mais espaço físico, chegando a desalojar certas atividades que, pela proposta pedagógica, deveriam permanecer instalados sob a grande cobertura-mãe: as oficinas de modelos e ensaios, de fotografia, de vídeo, etc. que foram transferidos para um prédio anexo. Não abordaremos aqui as marchas e contra-marchas relativas à construção deste edifício, mas cabe ressaltar que, em certo sentido, este já se configura como uma primeira grande descaracterização da FAU. O sentido de coletividade implícito no projeto original foi irremediavelmente quebrado com o desmembramento do prédio.



Figura 4: A degradação do concreto nas empenas externas do edifício

No campo dos materiais, o grande protagonista do prédio da FAUUSP é mesmo o concreto aparente, plenamente adequado às suas grandes dimensões, não apenas em sua função estrutural primordial, tão bem definida no trecho de Artigas, mas também como material de vedação, conferindo textura às grandes superfícies cegas das empenas. É plenamente conhecida a indissociabilidade entre a arquitetura moderna brasileira e o uso do concreto armado, que logo passou a ser utilizado exposto, como ocorre na FAU.

Esta utilização extensiva do concreto pelos arquitetos modernos está ligada a suas grandes possibilidades plásticas e estruturais, assim como ao aspecto econômico apontado acima. Subjacente a sua grande aceitação está também a crença na indestrutibilidade/inalterabilidade do material - a “pedra artificial” por excelência, capaz de desafiar o tempo e o clima. De fato, a atitude usual é a de desconsiderar totalmente a necessidade de quaisquer medidas de manutenção das superfícies de concreto. Ora, hoje são plenamente conhecidas as alterações sofridas pelos materiais - mesmo os menos porosos, como alguns tipos de pedra “natural” - diante da crescente agressividade do meio ambiente. O uso extensivo do concreto aparente, numa obra das dimensões da FAUUSP, tem colocado inúmeros problemas a serem equacionados, do ponto de vista da restauração do material - cujo envelhecimento e degradação superficial são evidentes nas empenas externas do edifício.

Todos estes problemas, e outros mais, são agravados pela condição pública do edifício, como veremos a seguir. Aqui, vale lembrar que boa parte de nosso patrimônio arquitetônico moderno é constituído por obras públicas, sujeitas portanto às mesmas injunções, a saber: descontinuidades devido a verbas insuficientes, diluição das responsabilidades de acompanhamento e fiscalização, etc.

O prédio da FAU não constitui exceção neste quadro, apresentando problemas estruturais e de acabamento praticamente desde sua inauguração; estes foram por sua vez agravados pela falta de manutenção característica da administração pública.

Tudo isto, somado às dimensões efetivamente gigantescas do prédio da FAU, acarretou problemas bastante sérios, notadamente na grelha de cobertura, como tem sido evidenciado em reformas recentes. O escoamento das águas pluviais nunca foi plenamente eficaz devido à falta de caimento das canaletas da cobertura, acarretando a impregnação da estrutura com umidade devido ao empoçamento da água em alguns pontos. Esta situação danificava a armadura metálica das vigas pelas reações químicas, ocasionando as famosas estalactites e estalagmites das rampas. E, mais grave ainda, o progressivo aumento do peso da cobertura ocasionou o seu selamento, o que por sua vez deformou visivelmente as paredes divisórias das salas de aula, substituídas por um material diverso do original já há mais de dez anos. Mais recentemente, a imprevista pressão da cobertura sobre os apoios verticais levou à necessidade de reforçar as fundações de um dos pilares externos da estrutura, que passou a apresentar acentuado recalque diferencial.



Figura 5: Estalactites da cobertura, decorrentes das reações químicas do concreto em contato com a água

Por outro lado, a solução dos problemas da cobertura vem implicando em inúmeras intervenções nas superfícies de concreto aparente - perfurações, raspagens, preenchimentos, etc. - que constituem verdadeiros “remendos”, interferindo no efeito da textura do material originalmente previsto. Na tentativa de minizar o prejuízo, muitas superfícies de concreto foram estucadas. E, heresia das heresias, chegou-se até mesmo a pintar as superfícies internas dos domos de algumas salas de aula de “cor de concreto”, numa intervenção inaceitável para o menos brutalista dos arquitetos modernos.



Figura 6: Remendos na superfície de concreto aparente, prejudicando a textura do material

Em relação ao edifício da FAU, coloca-se uma outra questão: o desconforto térmico que lhe é característico (muito frio no inverno, muito quente no verão). Com efeito, tanto pela continuidade espacial como pelas dimensões, pelo uso da iluminação zenital e pelos dispositivos deficientes de controle da ventilação nas salas de aula - a que talvez se refira Artigas quando fala no *acabamento simples e modesto* do edifício -, o fato é que o prédio da FAU não se notabiliza pelo conforto térmico, antes pelo contrário. Esta questão esbarra na controvérsia, nunca esclarecida, sobre o grau de detalhamento do projeto original do edifício. Para alguns, nunca foi realizado um projeto executivo para o edifício (o que nos remete novamente ao problema da documentação da arquitetura moderna), o que explicaria a ineficiência dos dispositivos de controle térmico efetivamente construídos. Para outros, a ineficiência destes dispositivos deve-se à má execução da obra. O fato é que, embora trate-se de um caso-limite, está embutido aí um problema freqüente nos exemplares pioneiros de arquitetura moderna: seu mau desempenho diante dos padrões atuais de conforto térmico, redefinidos a partir da disseminação dos meios artificiais de controle da temperatura. A esse respeito, também o edifício do MEC, no Rio de Janeiro, pode testemunhar: apesar de seus dispositivos de ventilação (caixilharia, brises, etc.) terem sido restaurados, a temperatura interna, no verão, é muito alta para os padrões vigentes.

Além dos problemas de execução e manutenção de obras públicas - agravados neste caso pelas próprias características físicas do edifício -, constatam-se igualmente problemas ligados à gestão do uso do espaço, o que também se relaciona à sua função institucional.

A esse respeito, tem se verificado ocupações irregulares de muitas áreas eventualmente ociosas, encampadas sub-repticiamente por usuários que se aproveitam das dificuldades de controle de um organismo tão complexo. Assim, a “privatização” do espaço (banheiros restritos a determinados usuários, fechamento de ambientes abertos, litígios por determinadas áreas, redefinição de usos originalmente previstos) é mais comum do que se poderia prever, e determinados por meios muito menos democráticos do que aqueles desejados por Artigas. Em alguns casos, estas atitudes estão ligadas à ausência de barreiras que caracteriza o edifício, dentro do espírito da continuidade espacial; pois o “laboratório social” que ele deveria ser, enquanto centro de convívio e aprendizagem, nem sempre atinge seus objetivos. Isto para não falar dos tradicionais problemas de segurança, aos quais estão sujeitos todos os edifícios de São Paulo, mas especialmente aqueles com muitos espaços abertos, como a FAU.

Por outro lado, o caráter simbólico da edificação e sua alta qualidade plástico-formal logo tornaram a sede da Faculdade de Arquitetura um ícone da arquitetura moderna brasileira. Estas qualidades foram

reconhecidas publicamente, através do tombamento do edifício pelo CONDEPHAAT, em 1982, numa atitude ainda pouco generalizada entre nós.

É interessante observar que o tombamento do edifício não trouxe nenhuma diferença no tratamento a ele conferido. De fato, embora as iniciativas mais efetivas para conter o avanço na deterioração do edifício - notadamente a solução dos problemas da cobertura - tenham ocorrido na década de 1990, portanto depois do tombamento, esta coincidência se deve muito mais ao empenho dos membros que compunham à época o Comitê Gestor do edifício, do que a qualquer tomada de consciência relativa à importância do prédio por parte da comunidade FAU. Aliás, a despeito de se tratar de uma Faculdade de Arquitetura (talvez por isso mesmo), é bastante disseminada entre o corpo docente uma atitude de despreocupação quanto às implicações do tombamento - isto é, o reconhecimento público do interesse cultural de um determinado bem - no que diz respeito à manutenção de sua integridade física. Não parece haver consciência de que a conservação e o restauro de qualquer bem cultural estão sujeitos a princípios conceituais básicos, consubstanciados em cartas patrimoniais de alcance geral. É difícil estabelecer se tal despreocupação se deve por desconhecimento da existência de critérios preservacionistas gerais (o que certamente ocorre em alguma medida), ou se está ligada ao fato de se tratar de uma obra moderna, conforme as considerações feitas inicialmente; ou, ainda, se se trata daquela atitude de excessiva familiaridade - resvalando na indiferença - em relação ao bem, à qual se referia Lúcio Costa quando comparava os retábulos seiscentistas das capelas paulistas a *jóias de família* (1978, p. 61).

Com tantas qualidades e problemas, o estudo das adequações, transformações e consertos que vem sendo realizados no edifício da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP traz à luz importantes aspectos relativos aos problemas de preservação da arquitetura moderna, desde questões conceituais mais gerais até problemas técnicos específicos.

Enfim, a preservação da arquitetura moderna é uma questão complexa, como fica cada vez mais evidente em exemplos recentes. Torna-se ainda mais complexa num país como o Brasil, onde não há uma tradição estabelecida com relação à especificidade necessária às atitudes e iniciativas preservacionistas em geral. Por outro lado, dada a grande importância de que se reveste o patrimônio arquitetônico brasileiro do período moderno, é urgente que este debate avance e renda frutos.

Notas

¹ Esta atitude pode ser identificada também no caso, razoavelmente freqüente, da execução de réplicas de edifícios modernos - ainda que não se trate, neste caso, de intervenções de preservação.

² Niemeyer demonstrou indiferença pela demolição da fábrica e da casa norte-americana, mas tem se demonstrado empenhado na construção do auditório projetado para o parque Ibirapuera.

³ V. a respeito: PESSOA e ARAÚJO, 1983, pp. 52-5.

Referências Bibliográficas

BANHAM, Reyner. Teoria e Projeto na Primeira Era da Máquina. São Paulo, Perspectiva, 1975.

BORIANI, Maurizio. Restauro e "Moderno": Conservazione, Ripristino, Copia. *Recuperare*, n. 43, pp. 530-537, 1989.

COSTA, Lúcio. A Arquitetura dos Jesuítas no Brasil. In: FAUUSP/MEC-IPHAN. *Arquitetura Religiosa*. São Paulo, 1978.

LE CORBUSIER. *Towards a New Architecture*. New York, Praeger, 1974.

GAVINELLI, Corrado. Restaurare il Moderno. *Recuperare*, n. 11, pp. 264-273, 1984.

MOORE, Rowan. Il Mondo Moderno Invecchia. *Abitare*, n. 295, pp. 252-256, 1991.

PESSOA, José Simões de Belmont e ARAÚJO, Maria Sílvia Muylaert de. Vila Operária da Gamboa, Rio de Janeiro, 1933/83. *Módulo*, Rio de Janeiro, n. 76, pp. 52-5, 1983.

Vilanova Artigas: arquitetos brasileiros. São Paulo, Instituto Lina Bo e P. M. Bardi/Fundação Vilanova Artigas, 1997.